

COMUNICAÇÃO



Esta seção trata dos principais temas noticiados sobre o Brasil em setembro na imprensa internacional, da reação das redes sociais on line à morte da menina Ághata e da repercussão do discurso de Bolsonaro na ONU nos principais grupos midiáticos brasileiros.

O conservadorismo neoliberal da direita populista

O noticiário sobre o Brasil em setembro na imprensa internacional foi marcado pelos traços conservadores e neoliberais da direita populista que ascendeu ao poder não apenas no governo federal, mas também nos governos estadual e municipal do Rio de Janeiro. A maior parte das notícias sobre o país, evidentemente, tratou da situação da floresta amazônica.

O auge da crise ambiental foi no final de agosto, quando importantes jornais como *The Guardian*, *Le Monde* e *New York Times* publicaram artigos de opinião sobre o quanto o fogo poderia avançar e o perigo que a crise representava para o mundo. Na primeira semana de setembro todos os grandes veículos do mundo noticiaram que marcas de

roupa estavam suspendendo temporariamente a compra de couro produzido no Brasil até que fosse possível atestar que essa produção não acarreta mal à Amazônia.

A *Al Jazeera* foi além. Em 1º de setembro publicou reportagem sobre a interrupção do repasse de verbas da Noruega e Alemanha para o Fundo Amazônia e como o corte afetava ONGs que trabalham em prol do manejo sustentável da floresta. Três dias depois a rede de jornalismo do Oriente Médio abordou a relação de Jair Bolsonaro com os povos indígenas. A reportagem informou que o presidente brasileiro se recusa a promover novas demarcações de terras para esses povos.

Em 8 de setembro, o canal noticiou que a destruição da floresta continuava e permanecia impune. Entre as duas últimas reportagens mencionadas, no dia 6, o *Wall Street Journal* publicou texto sobre o posicionamento do ministro do Meio Ambiente com relação à situação da Amazônia. Ricardo Salles afirmou que é preciso desenvolvimento econômico para que a floresta fique protegida. Especialistas ouvidos criticaram a política ambiental do governo Bolsonaro. No mesmo dia, apenas o *The Guardian* noticiou o lançamento da campanha de relações públicas lançada pelo governo brasileiro para tentar reverter a imagem que estava sendo construída sobre o Brasil.

Apesar da empreitada do governo brasileiro para tentar amenizar a forma como vinha sendo representado dentro da comunidade internacional, o jornal inglês *The Guardian* enviou um repórter a Rondônia, que relatou a situação caótica no local. Enquanto o ministro das Relações Exteriores declarava à rede norte-americana de televisão CNN que a Amazônia não estava em chamas, o repórter do periódico britânico relatava que todas as evidências levam a crer que o governo não é a favor da conservação do meio ambiente. A reportagem informou também que diversos escritórios do Ibama e do ICMBio estavam sendo desmantelados pelo Poder Executivo federal.

Após um pequeno intervalo, no dia 17, todos os veículos estrangeiros voltaram a tratar da Amazônia, agora, em função de um relatório publicado pela *Human Rights Watch*, que apontou a ocorrência de trezentos assassinatos na última década em função de disputas de terra. A maioria esmagadora dos casos permanece impune. A reportagem do *Guardian* destacou a falta de fiscalização e consultou ex-funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do ICMBio que declararam não haver recursos suficientes para realizar a fiscalização na região amazônica.

A Assembleia-Geral da ONU provocou mais uma enxurrada de reportagens sobre Jair Bolsonaro e a política que o seu governo vem aplicando no Brasil. O tom belicoso do seu discurso foi relatado por todos os grandes jornais. Entretanto, a postura com relação a outros países não foi o alvo de críticas,

mas, sim, a tentativa de negar a crise ambiental que atinge o Brasil. Apesar do cinismo, as estatísticas não são ignoradas pela imprensa estrangeira. A crítica feita ao cacique Raoni acabou gerando o efeito contrário, pelo menos nos jornais estrangeiros. Todos se dedicaram a detalhar quem é o cacique e qual é a sua luta. A trajetória foi comparada com a da youtuber indígena de direita, Ysani Kalapalo integrante da comitiva do presidente.

Durante o mês de setembro os jornais de diversas partes do mundo também deram destaque ao assassinato da menina Ágatha, de apenas oito anos morta por tiros disparados pela Polícia Militar. O posicionamento do governador Wilson Witzel, defendendo a política de segurança, foi confrontado pela análise de diferentes especialistas. O conservadorismo no Brasil foi notícia ainda em função da tentativa de censura à história em quadrinhos que continha um beijo gay e que estava sendo exposta na Bienal do Livro no Rio de Janeiro.

Por outro lado, o jornal francês *Le Monde* publicou entrevista com o ex-presidente Lula no dia 12 de setembro. A foto de Lula durante a entrevista estampou a capa do jornal junto da sua afirmação de que Bolsonaro é resultado de uma rejeição à política no Brasil. O ex-presidente foi questionado sobre qual seria a solução para a crise provocada pelos incêndios na Amazônia e respondeu que os brasileiros precisam se manifestar porque nada podem esperar de Jair Bolsonaro e seus ministros para que o problema seja resolvido. Lula também disse ao jornal que Jair Bolsonaro não faz outra coisa senão destruir o Brasil.

Bolsonaro na imprensa brasileira

Na mesma linha da imprensa internacional, os principais jornais brasileiros criticaram duramente o discurso de Bolsonaro na abertura da Assembleia Geral da ONU, tanto em reportagens quanto em editoriais. Os principais argumentos são a incapacidade do atual governo de lidar com as demandas ambientais e de relacionar-se com a comunidade internacional, além do grande número de dados falsos utilizados pelo presidente brasileiro na ocasião.

O *Estado de S.Paulo* afirmou no editorial de 25 de

setembro, "Bolsonaro na ONU", que o presidente perdeu a oportunidade de corrigir o equívoco de hostilizar países e governos preocupados com a questão ambiental e a devastação da Amazônia. O jornal classificou o discurso como "ataque feroz contra um inimigo imaginário" (no caso o socialismo) e a favor da intolerância. E concluiu: "Bolsonaro, assim, erra em dobro: ao investir numa retórica antagonista, ameaça apartar o Brasil da sociedade das nações; e ao tratar de maneira leviana das questões ambientais, com as quais todos os que têm responsabilidade deveriam se preocupar, coloca em risco o futuro do país que governa. Tudo isso em nome de um ideário retrógrado e fantasioso".

O jornal *O Globo*, no editorial publicado no dia 30, "Ativismo climático ganha densidade na política global", critica governantes que persistem no negacionismo por conveniências políticas obscuran-

Morte de Ághata no Facebook

O debate sobre a morte da menina no Rio no Facebook teve como foco apontar quem seria o culpado: Ágatha, Witzel ou a Polícia Militar do Rio de Janeiro. Na análise geral dos usuários do Facebook

tistas. "Governos como o de Jair Bolsonaro precisam reconhecer que equacionar a relação entre a produção, o consumo e a conservação ambiental é caminho sem volta. Líderes políticos que não entenderem esse fato arriscam-se a ficar aplastados, atropelados pela História", afirma o texto.

A *Folha de S.Paulo* publicou na coluna de Marcelo Leite, no dia 29, "O presidente mente", inúmeras mentiras proferidas no discurso que levam a crer que o Brasil seria um dos países que mais protegem o ambiente.

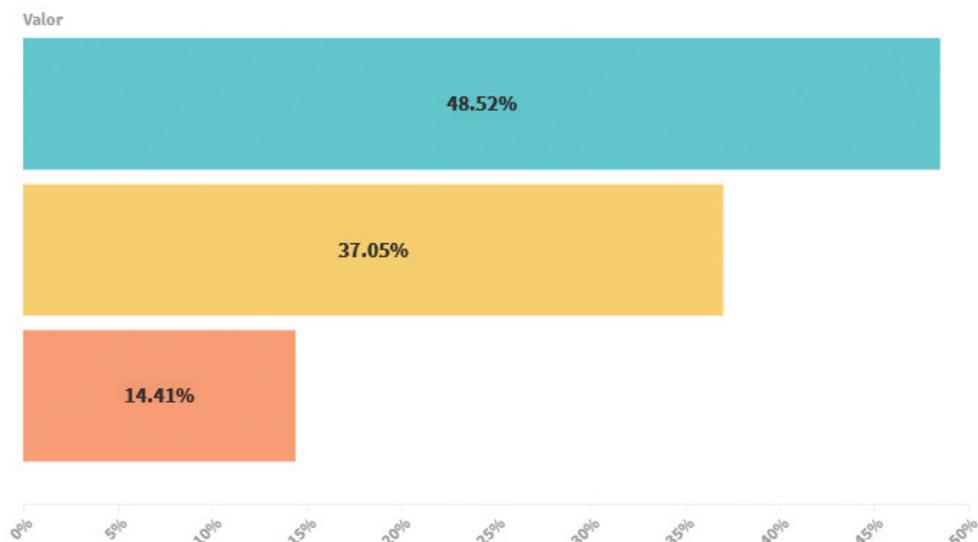
Outro tema que desgastou o governo e foi amplamente noticiado no Brasil foi a morte da menina Ághata, no Rio. A *Folha* publicou em seu editorial "A morte de Ághata, no dia 24, que é impossível não associar a tragédia ao estímulo de autoridades, como o presidente da República e o governador do Rio, à violência policial. E menciona como efeito positivo a possível derrubada do pacote "anti-crime".

houve mais críticos ao Estado/PM (48,52%) do que defensores (37,05%).

No entanto, se analisada a disputa bandidos x polícia, a vitória do campo conservador é acachapante: quem questionará que os policiais são o lado corre-

Ágatha, PM e Witzel No Facebook o principal debate é: quem é o culpado?

■ Críticas ao Estado/PM ■ Defesa da PM/Estado
■ Menções sem juízo de valor sobre PM/Estado



to da história, quando confrontados com os “bandidos”? Nessa linha, um dos principais argumentos dos usuários bolsonaristas passa por defender a ação, argumentar que “mortes de inocentes irão ocorrer” e que parte das pessoas que acusam os policiais pela morte o fazem para defender os traficantes das regiões onde vivem.

A disputa segue e encontra resistência no questionamento “você acham que os verdadeiros bandidos estão no morro?”, que acaba por muitas vezes concatenando discussões, em uma linha que aproxima ambos os campos, movimento esse que se encerra quando questionado o “caráter seletivo” das “balas perdidas” que, segundo os usuários que criticam a PM/Witzel, acabam sempre por encontrar um corpo negro. Em contra-argumento, o campo em defesa da PM/Witzel afirma que é compreensível, visto que na favela existem mais pessoas negras.

Outros argumentos se fazem presentes, com destaque entre os que criticam o Estado/PM para: não entram atirando em bairros ricos; Witzel e Bolsonaro promovem política de extermínio contra os pobres, que vai desde a retirada de vacinas até o assassinato; e a política contra as drogas se esgotou.

Já entre os que defendem Witzel/PM, os argumentos partem da defesa dos policiais, como: não fazem esse tipo de manifestação quando PMs morrem; são os traficantes que atiram a esmo e acabam acertando inocentes; e a imprensa só lembra de falar dos policiais, e não dos traficantes.

Em suma, a linha argumentativa da rede em apoio

ao Witzel/PM é já conhecida por seu modus operandi: a crítica ao governo Witzel/PM poderia ser derrubada usando uma mistura de exposição, entretenimento e indignação. A receita: ache um ponto fraco no segmento ou instituição à qual você se opõe - nesse caso os ataques contra a PM. Compile evidências que suportem seu ponto de vista particular - aqui, a já conhecida argumentação de que “a esquerda não se preocupa com os policiais mortos”. Elabore de um jeito que provoque a ira na audiência - por exemplo, os protagonistas seriam os policiais que defendem a população e os vilões aqueles que cobram respeito e direitos humanos, estimulando uma reação furiosa da esquerda progressista em defesa dos direitos humanos e uma contrarreação ainda mais forte da direita bolsonarista. Divulgue como sendo algo escandaloso, que a mídia tradicional não cobre e oculta por interesse próprio.

Os principais fatos que pautaram o noticiário nacional e internacional e as redes sociais online em setembro parecem reforçar o que já vinha sendo observado sobre a imagem de Bolsonaro nos últimos meses. Ao mesmo tempo que a radicalização de seu discurso reacionário e obscurantista consolida o apoio de seus fiéis eleitores, a imprensa tradicional que apoiou o golpe fica cada vez mais constrangida com a postura anti-democrática, contrária aos direitos humanos e à preservação do planeta declaradas abertamente pelo presidente da República.

Ainda assim, os mesmos veículos de comunicação manifestam apoio irrestrito e acrítico quando tratam das medidas econômicas adotadas pelo atual governo e seus trágicos efeitos para a população brasileira.